

**A CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS EM “EU NÃO
MEREÇO SER ESTUPRADA”:
UMA LEITURA
DO ACONTECIMENTO
MIDIATIZADO**

MARLON SANTA MARIA DIAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
SANTA MARIA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL
E-MAIL: MARLON.SMDIAS@GMAIL.COM

[HTTP://DX.DOI.ORG/10.5902/2316882X22501](http://dx.doi.org/10.5902/2316882X22501)

A CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS EM “EU NÃO MEREÇO SER ESTUPRADA”: UMA LEITURA DO ACONTECIMENTO MEDIATIZADO

Resumo: Este estudo investiga os modos emergentes de mobilização social engendrados em ambientes digitais e o seu caráter acontecimental. Objetivamos compreender, descrever e analisar como esses acontecimentos mediatizados são construídos. Nosso objeto empírico é a produção discursiva acerca da mobilização “Eu não mereço ser estuprada”. A metodologia se desenvolve como um estudo de caso aliado à análise semiológica.

Palavras-chave: Mediatização. Acontecimento. Circulação. Discurso. Mobilização Anti-estupro.

LA CIRCULACIÓN DE SENTIDOS EN “EU NÃO MEREÇO SER ESTUPRADA” (“NO MEREZCO SER VIOLADA”): UNA LECTURA DEL ACONTECIMIENTO MEDIATIZADO

Resumen: El presente estudio investiga las formas emergentes de movilización social engendradas en entornos digitales y su carácter de acontecimiento. Nuestro objetivo es comprender, describir y analizar cómo se construyen estos acontecimientos mediatizados. Nuestro objeto empírico es la producción discursiva de la movilización “Eu não mereço ser estuprada”. La metodología se desarrolla como un estudio de caso, junto con el análisis semiótico.

Palabras-clave: Mediatización. Acontecimiento. Circulación. Discurso. Movilización Anti-violación.

THE CIRCULATION OF MEANINGS IN “EU NÃO MEREÇO SER ESTUPRADA” (“I DON’T DESERVE TO BE RAPED”): A READING OF THE MEDIATIZED EVENT

Abstract: The present study investigates emergent forms of social mobilization generated on digital environments and their eventful character. We aim at understanding, describing and analyzing how such mediatized events are built. Our empirical object is the discursive production concerning the mobilization “Eu não mereço ser estuprada”. The methodology develops as a case study combined with a semiological analysis.

Key words: Mediatization. Event. Circulation. Discourse. Anti-rape Mobilization.

INTRODUÇÃO

Este estudo investiga os modos emergentes de mobilização social engendrados em ambientes digitais e o seu caráter acontecimental. A intensificação do processo de midiaticização da sociedade aponta para a interpenetração entre os campos sociais, cujo funcionamento é atravessado por lógicas de uma cultura midiática (FAUSTO NETO, 2008), além de reconfigurar as dinâmicas e práticas sociais e instaurar uma nova ambiência, ou seja, um novo modo de presença do sujeito no mundo (SODRÉ, 2002). Os acontecimentos na sociedade em vias de midiaticização também se modificam e encontram nos ambientes digitais novos espaços para o seu desenvolvimento e sua constituição discursiva. Esses acontecimentos têm sua existência ligada à natureza digital das plataformas em que emergem.

Partindo do enfoque conceitual que considera as transformações da sociedade frente ao processo de midiaticização e entendendo que os acontecimentos também são modificados por esse contexto, objetivamos compreender, descrever e analisar como esses acontecimentos midiaticizados são construídos. Para tanto, nosso objeto empírico é a produção discursiva acerca da mobilização “Eu não mereço ser estuprada” (ENMSE), que nasce a partir de um protesto anti-estupro articulado, sobretudo, por atores em redes sociais digitais. Esses atores, por meio de distintas e singulares estratégias discursivas, investem em interações a fim de visibilizar suas ações, se conectar com quem partilha desse mesmo espaço digital e produzir suas próprias interpretações acerca do acontecimento.

A mobilização ENMSE, idealizada pela jornalista brasileira Nana Queiroz, teve início em março de 2014, como um protesto em resposta a uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), intitulada “Tolerância social à violência contra as mulheres”. O estudo apontou que 65% dos entrevistados (de um total de 3.810 pessoas) concordavam com a afirmação “Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”. A mobilização iniciou quando Nana Queiroz publicou, no site de rede social Facebook, uma foto na qual aparece cobrindo os seios com os braços, nos quais se lê a frase “não mereço ser estuprada”. A foto foi compartilhada na internet pelos usuários, e Nana criou um evento em que convidava as pessoas – especialmente as mulheres – a publicarem fotos semelhantes à dela, em que estivesse expressa a frase que se tornaria símbolo do protesto anti-estupro: “Eu não mereço

ser estuprada”. A partir da publicação da foto de Nana, desencadeia-se uma série de ações que se relacionam à mobilização insurgente: compartilhamento da foto, publicação de fotos semelhantes, discussões e debates em blogs, sites e redes sociais, proliferação de artigos de opinião, matérias jornalísticas, charges e memes.

Frente a esse cenário, o problema norteador desta pesquisa pode ser exposto pela seguinte questão: como estratégias discursivas enunciadas por atores, campos e mídias, em uma complexa atividade de circulação que envolve dimensões midiáticas e não midiáticas, constroem o acontecimento midiaticizado “Eu não mereço ser estuprada”?

Já o objetivo principal da pesquisa é analisar como o acontecimento midiaticizado ENMSE é construído discursivamente por atores, campos e mídias. Para tanto, tomamos como objetivos específicos: (1) mapear os principais ambientes digitais que visibilizaram o acontecimento ENMSE, bem como os espaços jornalísticos de mídia tradicional que pautaram a mobilização; (2) analisar os discursos construídos por atores, campos e mídias por meio de fluxos que constituem o ambiente da circulação; (3) compreender como a processualidade do acontecimento midiaticizado o ressignifica e o reconfigura.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: CAMINHOS PARA A LEITURA DO CASO

Durante o processo de construção metodológica, percebemos que um método linear de investigação não daria conta da complexidade do acontecimento estudado. Para apreensão do fenômeno, optamos por lançar mão de métodos de pesquisa que não ignorassem as possibilidades de combinação. Dessa forma, a investigação desenvolve-se como um Estudo de Caso (BRAGA, 2008; YIN, 2010), especificamente um caso midiático (FORD, 1999), articulado ao aporte da semiologia dos discursos sociais (PERUZZOLO, 2004; PINTO, 2002; VERÓN, 2005), na qual encontramos subsídios teóricos e metodológicos para analisarmos as estratégias discursivas produzidas por mídias, campos e atores sociais.

O percurso desenvolvido pode ser dividido nos seguintes momentos. Primeiro, mapeamos através de buscadores na internet os espaços digitais que visibilizaram o protesto ENMSE: matérias (reportagens, artigos e notícias) veiculadas por sites das organizações de mídia tradicional e

blogs. Em seguida, mapeamos no Facebook o modo como a mobilização se desenvolveu neste site. Encontramos 40 páginas e 20 grupos relacionados ao acontecimento. Frente à impossibilidade de analisar todos esses espaços, optamos por verticalizar nosso olhar e escolher um grupo de discussão criado a partir do protesto para analisar as estratégias discursivas desenvolvidas por seus integrantes: o grupo “Eu não mereço ser estuprad@ [OFICIAL]”. A observação desse grupo compreende o período de nove meses, tendo início no dia da criação do grupo (31 de março de 2014) e finalizando no dia 31 de dezembro de 2014. Porém, para fins de análise, foram eleitas postagens que representam a dinâmica de funcionamento do grupo e os sentidos ali produzidos por seus integrantes.

A partir desse percurso metodológico, construímos o capítulo analítico deste trabalho em quatro etapas. Na primeira, retomamos a problemática da circulação (BRAGA, 2010; FAUSTO NETO, 2015) e desenvolvemos esquemas interpretativos que possibilitem explicar a atividade circulatória do acontecimento nos ambientes midiáticos, a fim de compreender os modos como o acontecimento toma forma pelos enunciados postos em circulação. Em seguida, focamos a análise no grupo de discussão do Facebook e ocupamo-nos da descrição dos mecanismos do grupo, a fim de compreender o modo como se organizam suas dinâmicas, bem como os contratos que os atores postulam para estabelecer diferentes relações de comunicação. Num terceiro momento, criamos categorias analíticas que viabilizam compreender as estratégias discursivas mapeadas a partir da análise dos enunciados produzidos pelos atores sociais no grupo. Por fim, coadunando as ideias apresentadas nas etapas anteriores de análise e cruzando os resultados, refletimos sobre a processualidade do acontecimento enquanto marca da midiaticização, caracterizada pela circulação discursiva e pelas singulares apropriações acerca do “Eu não mereço ser estuprada”.

3. PRINCIPAIS RESULTADOS: A CIRCULAÇÃO DISCURSIVA DO ACONTECIMENTO

A dinâmica de circulação midiática potencializa os efeitos de sentidos dos acontecimentos, mas estes já não são mais reféns do trabalho desses meios. É isso que percebemos ao descrever e analisar o acontecimento na análise do trabalho. O acontecimento circula e a mobilização se constitui

com relativa independência da mídia tradicional, mas ainda dentro de um campo de negociações com os meios, a fim de garantir sua visibilidade social também através desses espaços midiáticos tradicionais. As instituições jornalísticas, no entanto, não detêm mais o estatuto narrativo desse acontecimento e o que podem fazer é, dentro de seu trabalho enunciativo, enquadrá-lo em seus regimes de significação.

A partir da análise dos títulos das matérias jornalísticas, inferimos que os veículos de mídia tradicional seguem ainda critérios muito semelhantes de seleção de “fatos noticiáveis”. A oferta discursiva do jornalismo é constantemente tensionada pelos atores sociais, que também narram o acontecimento – ao mesmo tempo que o constroem – através de seus relatos nos sites de redes sociais. O acontecimento midiaticizado é, assim, composto por processos transnarrativos, fazendo com que o jornalismo precise negociar com os atores e encarar as reações de crítica midiática que se efetivam cada vez mais nesse ambiente onde circulam discursos construídos por muitos enunciadores.

Concluimos que a noção de acontecimento neste trabalho é atravessada por cinco aspectos principais: da pesquisa realizada pelo Ipea; da mídia tradicional; da jornalista Nana Queiroz; das redes e dos atores sociais (sobretudo no grupo de discussão). Cada um desses aspectos abarca falas produzidas em circuitos diferentes e sob protocolos discursivos diversos, ou seja, através de lógicas discursivas singulares que demarcam pluralidades significantes.

A pesquisa do Ipea enuncia um quadro sobre a violência contra a mulher e, discursivamente, mostra a surpresa frente aos paradoxos apontados pela leitura dos dados. O sistema midiático, ao tomar conhecimento da pesquisa do Ipea, utiliza o relatório como fonte de informação para a construção de notícias cujo foco central é a percentagem de pessoas que concordam com a afirmação “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”. No mesmo dia em que a notícia é divulgada, os atores sociais passam a se mobilizar, via redes sociais na internet, a fim de protestar contra o machismo. A divulgação dos resultados da pesquisa é, portanto, o propulsor do protesto.

A proliferação de fotos que constituem o ENMSE mostra a diversidade de apropriações da frase-símbolo do protesto e também os diferentes modos de inserção dos atores sociais na mobilização emergente. Os atores produzem midiaticamente ofertas discursivas acerca da mobiliza-

ção e as fazem circular em circuitos difusos. A mídia tradicional, enquanto observadora desses sistemas, faz leituras sobre a mobilização e, baseado em seus critérios de noticiabilidade, produz discursos que vão também construir o acontecimento.

Enquanto Nana é protagonista da mobilização nas coberturas midiáticas, nos outros ambientes de circulação, sobretudo nas redes, a autoralidade da mobilização é disputada constantemente. A análise que empreendemos neste trabalho sinaliza que é impossível marcar um ponto que concentre a autoralidade de um acontecimento midiaticizado, visto que essa autoralidade se pulveriza entre vários atores e instâncias.

Se há disputas em relação à autoralidade da mobilização, do mesmo modo há intensas disputas pela inteligibilidade que se quer dar ao acontecimento. Essas lógicas que dinamizam o acontecimento se encontram em uma rede discursiva de circuitos interacionais que se complexificam. Os campos sociais legitimados buscam manter-se como referência de inteligibilidade, mas esse sistema é abalado por disputas de sentido dinamizadas em processualidades tecnodiscursivas inseridas em variados fluxos e que deslocam o protagonismo de um único ponto.

O processo descritivo dos fluxos do acontecimento possibilitou compreender aspectos da construção do acontecimento que ficariam nas bordas de uma análise que contemplasse apenas a cobertura midiática do caso. Entender que os atores sociais exerceram uma função fulcral na construção do acontecimento direcionou o nosso olhar para o grupo de discussão, onde foi possível identificar movimentos de circulação diferentes daqueles já identificados na análise do macroambiente.

Por meio da observação sistemática, conseguimos elencar quatro tipos de informações mais recorrentes: a) relatos de abuso/violência contra a mulher, b) crítica ao tratamento midiático a pautas relacionadas às mulheres, c) articulação de mobilizações e manifestações públicas, d) compartilhamento de artigos, vídeos e imagens para discussão. Por meio dessa tipificação, foi possível separar os enunciados e criar categorias que nos ajudaram a identificar estratégias discursivas e compreender como os atores produziam seus próprios discursos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final, o estudo permitiu identificar cinco fatores que atravessam o acontecimento midiático por meio de distintas lógicas: do sistema científico, do sistema midiático, do ator Nana Queiroz, das redes e dos atores sociais. Cada um desses âmbitos produz lógicas que impulsionam a produção discursiva que constitui o ENMSE. A análise do caso sinaliza que é impossível marcar um ponto que concentre a autoralidade do acontecimento. A referência de inteligibilidade do acontecimento deixa de pertencer a campos sociais já legitimados e passa a ser dinamizado por processualidades tecnodiscursivas que se abrem a diferentes fluxos, deslocando o protagonismo da ação de uma única instância. Por circular na ambiência midiática, o acontecimento vai se constituindo por meio de fragmentos e descontinuidades, acoplando lógicas de sistemas diversos, que se afetam e geram derivações, com sentidos que fogem às trajetórias da circulação midiática discursiva tradicional.

REFERÊNCIAS

BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. *Matrizes*, v. 1, n, 2, p. 73-88, abr. 2008. Disponível em: <www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/download/46/28>. Acesso: 26 maio 2015.

_____. Circuitos versus Campos Sociais. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JAKS, N. (org.). *Mediação e midiática*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 31-52.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma “analítica” da midiática. *Matrizes*. São Paulo: ECA/USP, ano 1, nº 1, 2008, p. 89-105. Disponível em: <http://www.usp.br/matrizes/img/02/Dossie5_fau.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2014.

_____. Recepção, ‘corpo-significante’ em circulação. In: BRIGNOL, L. D.; BORELLI, V. *Pesquisa em recepção: relatos da Segunda Jornada Gaúcha*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2015, p. 17-24.

FORD, A. *La marca de la bestia: identificación, desigualdades e infoentretenimiento en la sociedad contemporánea*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 1999.

PERUZZOLO, A. C. *Elementos de semiótica da comunicação: quando aprender é fazer*. Bauru: EDUSC, 2004.

PINTO, M. J. *Comunicação e discurso: Introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SODRÉ, M. *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VERÓN, E. Fragmentos de um tecido. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

YIN, R. Estudo de caso: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Marlon Santa Maria Dias

Mestre em Comunicação pela UFSM. Jornalista graduado pela mesma instituição. E-mail: marlon.smdias@gmail.com

RECEBIDO EM: 03/04/2016

APROVADO PARA PUBLICAÇÃO: 19/04/2016

A dissertação que originou este artigo foi orientada pela profa. Viviane Borelli e defendida em 11/03/2016, na linha “Mídias e estratégias comunicacionais” do POSCOM-UFSM.